

PURISMO: DO PRECONCEITO AO CONCEITO

Marli Quadros Leite*

RESUMO: Neste artigo discutimos o conceito de purismo lingüístico, com o objetivo de demonstrar ser ele um fenômeno lingüístico, sempre presente em todas as fases por que passa a língua. A manifestação purista dá-se por meio de metalinguagem, ou pela própria escolha lingüística do usuário e é denunciada pelo desacordo de normas, isto é, a escolha purista pauta-se numa norma que tende a desaparecer e começa a chocar-se com a norma descritiva sincrônica. Para procedermos à reflexão sobre a concepção de purismo, partimos da idéia aristotélica de *puritas*, retomamos idéias contemporâneas do fenômeno, até chegarmos à conclusão de que o purismo é uma *atitude* que dá origem ao fenômeno do purismo lingüístico, cuja caracterização só pode ser feita pela sua própria manifestação. Desse modo, em relação ao português do Brasil, podem-se encontrar três tipos de purismo: ortodoxo, nacionalista e heterodoxo.

PALAVRAS-CHAVE: purismo; correção; norma lingüística; uso lingüístico; metalinguagem.

1. A CONCEPÇÃO VIGENTE DE PURISMO

Se buscarmos nos dicionários de língua portuguesa os sentidos do termo *purismo*, observaremos que são somente relativos à linguagem. Vejamos, em primeiro lugar, o *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Aulete (1968):

PURISMO, s. m. escrúpulo em observar rigorosamente a pureza de linguagem naquilo que se diz ou que se escreve. / Exagero dos escritores que se prendem demasiadamente com a pureza da língua, e que julgam ter chegado à perfeição do estilo, quando lhes não escapa a mínima incorreção.

(*) Universidade de São Paulo.

Segundo Ferreira (1986), purismo é o cuidado excessivo no trato com a língua, quando se tem em mente um “modelo ideal, o vernáculo”. Leia-se a transcrição do verbete:

PURISMO [De puro + -ismo.] S. m. 1. Preocupação excessiva de observar a pureza da linguagem, a correção gramatical em relação a um modelo ideal; vernaculismo. 2. Pronúncia afetada ou pretenciosa das palavras.

As definições apresentadas nos verbetes acima pecam pela inexatidão: não delimitam os termos dos elementos comparados. Isto é, se um uso é ou não puro, ele somente pode ser assim definido em contraposição a outro. Desse modo, seria imprescindível delimitar: preocupação com a pureza da linguagem, observadas a norma lingüística, relativa à língua escrita ou falada, culta ou popular, extraídas de textos escritos ou falados por brasileiros ou portugueses dos séculos XV e/ou XVI e/ou XVII e/ou XVIII e/ou XIX e/ou XX.

Se raciocinarmos de acordo com princípios científicos modernos, jamais deveremos submeter a comparações elementos ou sujeitos diferentes por natureza. Portanto, não terão resultados precisos: pesquisas que submeterem a confrontos textos falados vs. escritos, analisados sob um único ponto de vista; pesquisas que compararem textos falados vs. escritos de normas diferentes, culta e popular, por exemplo; pesquisas ou descrições que compararem escritores brasileiros vs. portugueses, praticantes de normas diferentes em todos os níveis.

A desigualdade do português praticado por falantes portugueses e brasileiros decorre tanto da incidência de fatores geográficos e socioculturais, como bem o diz Preti (1982:1-37), como de fatores ideológico-discursivos.

Com clareza, Bakhtin (1992:319) afirma ser o signo um objeto ideológico, carregado da concepção de mundo da sociedade que o utiliza;

